

MEMÓRIAS CONTRA-HEGEMÔNICAS: SABERES, NARRATIVAS E EPISTEMOLOGIAS DO SUL GLOBAL

Counter-Hegemonic Memories: Knowledges, Narratives, and Epistemologies of the Global South

Memorias Contrahegemónicas: Saberes, Narrativas y Epistemologías del Sur

Anna Cavalcanti¹
Luciana Amormino²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v2i36.17229

A relação entre memória, decolonialidade e epistemologias do Sul Global tem adquirido crescente relevância no campo das Ciências Humanas e Sociais, acompanhando um movimento mais amplo de questionamento das formas hegemônicas de produção, legitimação e circulação do conhecimento. Nesse contexto, discutir a memória significa também interrogar quem tem o direito de narrar o passado, quais experiências são reconhecidas como conhecimento e quais sujeitos, saberes e formas de existência permanecem à margem das narrativas dominantes.

A expressiva quantidade de submissões recebidas para o dossiê Memória e Epistemologias do Sul Global evidencia a atualidade e a força desse debate, demonstrando tanto o interesse acadêmico pelo tema quanto a amplitude das questões que o atravessam, espelhada na diversidade de abordagens recebidas, que perpassam disputas de narrativas, processos de apagamento e

¹ Doutora; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS. annacavalcanti@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-3005-6537>

² Doutora; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG. luamormino@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-1137-4388>

silenciamento, práticas de resistência, formas alternativas de produção do conhecimento, modos de reconfigurar as relações entre passado, presente e futuro, entre outros.

Tendo isso em vista, os artigos aqui reunidos partem de diferentes perspectivas teóricas, fenômenos e experiências, mas convergem ao compreender a memória como um processo dinâmico, político e situado, capaz de produzir outros modos de conhecer e narrar o mundo, uma visada que encontra ressonância no entendimento de “memória como gesto” (Amormino, 2024a; Amormino, 2024b). Gesto, para a autora, associado à ideia de fazer, é sempre elemento de uma processualidade em aberto, Pensar a memória como gesto, portanto, é reconhecer que toda memória de caráter coletivo carrega, em si, uma dimensão de incompletude constitutiva, que a torna sempre suscetível de revisão, disputa e reabertura, sendo, portanto, “um ato ético, estético e político” (Amormino, 2024b), ao passo em que articula, sem jamais resolver, passado, presente e futuro.

Ao colocar em diálogo estudos de memória e perspectivas decoloniais, considerando a memória como gesto, o dossiê busca, assim, contribuir para a visibilização de saberes historicamente marginalizados e para a construção de outras possibilidades de interpretação da experiência social. Nesse sentido, pensar a memória a partir do Sul Global implica deslocar perspectivas, tensionar hierarquias epistemológicas e reconhecer a pluralidade de sujeitos, experiências e conhecimentos que participam da produção das narrativas sobre o passado, especialmente de um passado marcado pela experiência opressora colonial.

Uma das questões centrais na temática da colonialidade situa-se no âmbito da produção e circulação de conhecimentos na contemporaneidade. A discussão sobre a colonialidade do saber

emerge da experiência moderna que dividiu o mundo em zonas metropolitanas e periféricas, civilizadas e incivis, relevantes e irrelevantes, Norte e Sul Globais. Refletir a partir das epistemologias do Sul significa, portanto, pensar em formas de reconfigurar a imaginação política sobre o mundo a partir de narrativas não hegemônicas (Quijano, 2000; Mignolo, 2003; Walsh, 2009).

Entendendo o conceito de Sul Global como um construto teórico e não simplesmente um referencial geográfico, desenha-se um mapa de dor e de luta, ambas distribuídas desigualmente pelo mundo, onde uma multiplicidade de conhecimentos foi invisibilizada e desperdiçada por uma história de epistemicídios (Rivera Cusicanqui, 2010). Ao buscar visibilizar saberes e práticas excluídos, reconhecemos uma pluralidade de conhecimentos e experiências que resistiram às lógicas coloniais e foram reconfiguradas narrativamente.

Nesse contexto, a memória é um elemento central no processo de decolonização do conhecimento, ao permitir que saberes marginalizados pelo colonialismo retornem e desafiem a narrativa eurocêntrica da história. Sintetizamos, neste dossiê, a necessidade de partir dos estudos de memória como referenciais para o reconhecimento de outras epistemologias e a propulsão de outras fontes de saber e de comunicação sobre o passado no presente. Orlando Fals Borda, sociólogo colombiano, denominou este processo de apropriação coletiva do conhecimento histórico de “Recuperação Crítica da História” (RCH) (Fals Borda, 1999). Essa proposta busca abrir espaço para a reflexão sobre iniciativas de memória que buscam reparar apagamentos sistemáticos, como museus comunitários, arquivos populares e cartografias contra-hegemônicas a partir de vozes e experiências do Sul Global, como indígenas, afrodescendentes, mulheres, camponeses e outros setores sociais excluídos historicamente. Autoras como Marianne Hirsch, com o conceito de pós-memória, Saidiya

Hartman, com a noção de fabulação crítica, e Ariella Azoulay, com sua história potencial, trazem um aporte fundamental para pensar a memória como ferramenta contra o apagamento histórico e como meio de reconstruir histórias silenciadas (Hirsch, 2022; Hartman, 2008).

Para articular essas experiências, pensamos juntamente aos estudos que trabalham a memória não como arquivo fechado, mas como processo dinâmico e político, ativo no presente. Como coloca Achilles Mbembe, “não existem arquivos sem fissuras” (Mbembe, 2017, p. 228). Dessa maneira, o dossiê pretende contribuir diretamente para a reunião de propostas em torno da ideia de memória decolonial, a qual não se coloca em função de um resgate do passado, mas se propõe a interpretá-lo a partir de perspectivas minorizadas. Na perspectiva da RCH, ao recuperarmos memórias silenciadas ou apagadas, propomos uma reapropriação das narrativas identitárias de povos marginalizados.

A recuperação dessa memória desempenha um papel essencial na afirmação das epistemologias do Sul Global, tendo em vista que uma das principais formas de dominação eurocêntrica se deu por meio da produção e do controle sobre o passado (Florescano, 1998; Torres, 1993). Essa manipulação do passado, portanto, é uma forma de apropriação da memória social, das epistemologias do Sul, as quais foram, por vezes, impostas, inventadas e recriadas em suas identidades, fruto de batalhas e disputas entre diferentes versões históricas.

Ao reconhecer o caráter constitutivo do passado na formação da memória, este dossiê busca apresentar formas alternativas de produção do conhecimento histórico que fortalecem as identidades coletivas e a capacidade de ação de populações historicamente subalternizadas (Carrillo, 2003). Tendo isso em vista, o dossiê reúne contribuições que pensam, a partir de outras modalidades de produção do saber histórico, formas que não apenas se alimentem da memória como referencial teórico, mas que

a reconheçam em sua perspectiva metodológica a partir da qual torna-se possível interpretar criticamente as histórias regionais e nacionais em sua complexidade.

Pensar o Sul Global, é importante reafirmar, não significa pressupor a existência de uma epistemologia homogênea ou de uma experiência histórica comum capaz de subsumir suas diferenças. Para os autores e autoras aqui reunidos, implica reconhecer a multiplicidade de experiências, temporalidades, territorialidades e formas de conhecimento que emergem de contextos atravessados de maneiras distintas pela colonialidade. A pluralidade dos artigos reunidos neste dossiê é, nesse sentido, também uma forma de recusar a homogeneização do próprio Sul.

Nesse sentido, damos relevância à ideia de ch'ixi, desenvolvida pela socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2018), a qual propõe a coexistência da multiplicidade entre elementos por vezes distintos e opostos, sem que haja uma fusão ou síntese: os pensamentos coloniais e ancestrais podem, portanto, se entrecruzar e coexistir. Assim, em vez de idealizar uma identidade única e homogênea, o ch'ixi valoriza a diferença e sustenta a luta contra a dominação colonial por meio da construção de mundos alternativos a partir dos conhecimentos do Sul.

Por fim, o dossiê soma-se à demanda, identificada no âmbito da Rede Brasileira de Pesquisadores de Memória e Comunicação – Rememora, por uma ampliação dos estudos sobre memória para além das referências clássicas eurocêntricas. Embora essas referências sejam fundamentais para a consolidação do pensamento sobre memória social e coletiva, mostram-se hoje insuficientes para abarcar as especificidades do campo quando situado a partir do Sul Global.

O expressivo número de submissões recebidas para este dossiê revela a amplitude que as relações entre memória e epistemologias do Sul Global vêm sendo interrogadas. A diversidade das

propostas recebidas, provenientes de diferentes campos disciplinares, mobilizando distintas materialidades, territórios e formas de produção do conhecimento, indica que não estamos diante de uma agenda restrita a um subcampo específico, mas de questões capazes de atravessar os estudos de memória, a comunicação, as artes, o cinema, a antropologia, os estudos urbanos, os estudos culturais e outras áreas.

Abrindo o dossiê, o artigo Territórios negros, memória e cartografias ancestrais, de Dayana K. Melo da Silva, analisa a cidade moderna como forma urbana vinculada ao padrão moderno/colonial de poder, que converte o espaço em extensão homogênea e administrável, articulando classificação racial e ordenação territorial. A autora sustenta, ainda, que os territórios negros instituem outra forma de espacialização, fundada na relacionalidade, sendo a cartografia ancestral um modo de tornar legível a sobreposição de temporalidades e espacialidades no urbano e reinscrever o território como campo de disputa.

Também abordando questões raciais, Fernanda Carrera, em Memória dos pardos: “checklist do sofrimento” como estratégia de autenticidade negra analisa como sujeitos pardos constroem pertencimento racial por meio de práticas seletivas de memória, articuladas no que a autora convencionou de “checklist do sofrimento”, ou seja, a rememoração de experiências de dor racial como forma de reivindicar autenticidade negra.

Seguindo na relação entre memória e ancestralidade, Paulo Giralddi, em Escutas, memória e saberes ancestrais: mulheres amazônicas e comunicação autóctone, propõe uma “Epistemologia da Escuta” fundada nos saberes de mulheres indígenas e amazônicas. Trata-se de um estudo

teórico-ensaístico, fundamentado no diálogo entre o pensamento comunicacional latino-americano, as perspectivas decoloniais e as epistemologias indígenas que propõe, em face da colonialidade do saber e dos epistemicídios do Sul Global, que a escuta emerge como prática de resistência e método de pesquisa, articulando memória, território e reciprocidade.

Tomando como materialidade analisada o podcast Memórias Quebradas, produzido por jovens da periferia de São Paulo, o autor Pablo Pamplona, em Memórias Quebradas: conscientização histórica pela memória das lutas populares, se inspira em autores ligados à práxis dos movimentos sociais da América Latina para descrever uma epistemologia própria do Sul Global que carrega quatro eixos de conscientização histórica e valorização da agência transformadora do povo: a historicização do presente, a abertura de expectativas de futuro, a expansão da história como um todo único e a valorização da agência transformadora do povo.

Em Memória como intervenção: temporalidades enredadas nas redes textuais de Racionais MC's, Lucas Guimarães Resende e Phellipy Pereira Jácome analisam a noção de memória nos Racionais MC's como intervenção em temporalidades enredadas no Brasil contemporâneo. Em diálogo com Achille Mbembe (2017, 2018), Silvia Rivera Cusicanqui (2024), Leda Maria Martins (2021) e Malcom Ferdinand (2022), os autores argumentam que o rap do grupo ativa passados coloniais não resolvidos e os torna força política no presente, articulando memória, resistência e ação em um tempo não linear, constituindo, assim, um convés da justiça.

Já Benjamin Figueredo e Pablo Gonçalo, em O assombro contra-moderno: realismo, memória e os fantasmas do cinema contemporâneo, investigam de que forma as tendências cinematográficas

contemporâneas do realismo fantasmagórico e do realismo espectral atualizam a representação dos fantasmas para dar conta de violências sistêmicas e traumas coletivos em seus respectivos territórios. Para tanto, inserem-se no contexto teórico da virada espectral derridiana para abordar as principais contribuições do pensamento espectral e do cinema contemporâneo em abordagens mais complexas da memória social.

Também tomando o cinema como fenômeno de análise, a autora Ana Daniela de Souza Gillone, em *A memória de desaparecimentos em El Botón de nácar*, parte do filme *El botón de nácar* (*O botão de pérola*, 2015), de Patricio Guzmán, para discorrer sobre os procedimentos narrativos envolvidos na construção da memória de desaparecimentos de etnias indígenas que habitavam o Chile e de militantes políticos na ditadura militar de Augusto Pinochet (1973-1990) abordados pelo filme.

Já o cinema de animação é o ponto de partida do artigo *Animação, arquivo e espaços de memória* no filme *La parte por el todo*, de María Constanza Curatitoli, que analisa, a partir do longa-metragem *La parte por el todo*, as relações estabelecidas entre imagens animadas, filmagens com atores reais, depoimentos e material de arquivo. Ao destacar a materialidade das linhas e das superfícies de inscrição, a autora conclui que a animação reconfigura os espaços memoriais e as experiências de crianças desaparecidas, nascidas e apropriadas em segredo.

O artigo *Artivismos entre Brasil e Quênia: diálogos decoloniais Sul-Sul em oficinas de animação* sobre Marielle Franco e Wangari Maathai, de Andrea Medrado, Isabella Rega e Monique Paulla, por sua vez, analisa experiências de artistas brasileiros e quenianos que utilizaram a animação para desafiar hierarquias coloniais. Com base em observações etnográficas, entrevistas e oficinas em Nairóbi e

Salvador, as autoras articulam perspectivas decoloniais e feministas interseccionais, enfatizando conhecimentos situados e lugares de fala, e argumentam que o ativismo favorece diálogos, trocas de saberes e conexões transformadoras Sul-Sul.

Ainda no campo da arte, Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa, Patrícia de Oliveira Iuva e Fábio Sadao Nakagawa, em *As criações do Colectivo Ayllu pela memória espiralar*, discutem como a memória espiralar (Martins, 2021) se articula no painel-tecido *¿Dónde están las cartas de nuestras ancestras al caminar sobre fuego?*, do Colectivo Ayllu, exposto na Bienal de São Paulo e ressignificado em Madri para a exposição *Tactics Against Apathy*, com o altar *Hilos de oración a la memoria migratória*.

Daniel Macêdo, por sua vez, em *Entre arquivos e confinamentos: notas sobre contenções, silêncios e confrontos*, reflete sobre as clausuras atribuídas aos documentos relacionados aos campos de concentração brasileiros de 1932, pensadas como uma regulação política que institui arquivos confinados como modo de silenciar as histórias que partilham.

Buscando pensar as relações entre formas comunicativas, territórios e memória em ações diretas indígenas em monumentos do Brasil, Daniel Oliveira de Farias, em *Rearticulações da memória: formas comunicativas em ações diretas indígenas no Brasil*, realiza uma cartografia das formas de confronto e dos repertórios comunicacionais para analisar as disputas de território e memória mobilizadas e demonstra que tais ativismos políticos desarticulam a memória nacional e, ao mesmo tempo, rearticulam concepções do território como vida e memórias de luta contra vestígios coloniais na configuração do presente.

Já os autores Flávia Fernandes de Carvalhas e Rafael Siqueira de Guimarães, em *Cartas: políticas dissidentes de escrita na universidade*, analisam as cartas como política dissidente de escrita ao formalismo acadêmico. Tendo como referência epistemológica o Sul Global, as análises teóricas mobilizadas pelos autores se inspiram em movimentos contra coloniais e feministas, refletindo sobre as noções conceituais de experiência, fronteira, marcas da memória e ficcionalização.

Por meio do ensaio visual *Sem Data*, Wagner Souza e Silva apresenta artefatos arqueológicos isolados e diminutos sobre fundo negro, tensionando a pretensão de objetividade da memória histórica. Ao evidenciar a desproporção entre vestígio material e vastidão temporal, propõe uma reflexão decolonial sobre a arqueologia como campo atravessado por lacunas, disputas narrativas e fabulações críticas do passado.

Ao reunir trabalhos tão diversos, este dossiê aposta em preservar a multiplicidade de perspectivas, objetos, sujeitos e formas de conhecimento que emergem quando a memória é interrogada desde lugares historicamente submetidos à colonialidade. Se a memória é gesto, como propõe Amormino (2024a; 2024b), ela também é abertura: espaço de disputa, elaboração e criação de outras relações entre passado, presente e futuro. Esperamos que os textos aqui reunidos possam contribuir para ampliar os horizontes dos estudos de memória, deslocando seus centros de referência e fazendo emergir outras e novas vozes.

Referências

- Amormino, Luciana. A memória como gesto: um ato ético, estético e político. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2024b.
- Amormino, Luciana. A memória coletiva em perspectiva: ensaios sobre a memória como gesto a partir de narrativa de uma cidade-trapeira. Curitiba: Appris, 2024a.
- Caicedo Ortiz, J. A. (2008). Historia oral como opción política y memoria política como posibilidad histórica para la visibilización étnica por otra escuela. *Revista Educación y Pedagogía*, 20(52), 27–42.
- Candau, J. (2002). *Antropología de la memoria*. Buenos Aires: Editorial Claves.
- Cuevas Marín, P. (s.d.). *Memoria colectiva: Hacia un proyecto decolonial*.
- Florescano, E. (1998). *Memoria histórica*. México: Taurus.
- Gnecco, C., & Torres, A. (2003). Pasados hegemónicos, memorias colectivas e historias subalternas. In C. Walsh (Ed.), *Estudios culturales latinoamericanos: Retos desde y sobre la región andina* (pp. 197–214). Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala.
- Hartman, S. (2008). *Lose your mother: A journey along the Atlantic slave route*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Hirsch, M. (2022). A geração da pós-memória: Escrita e cultura visual depois do Holocausto (M. A. Peres, Trans.). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Mbembe, A. (2017). *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona.
- Rivera Cusicanqui, S. (2018). *Un mundo ch'ixi es posible: Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón.
- Torres, M. L. M. J. (1993). História & memória. *Revista Brasileira de História*, 13(25), 5–22.
- Torres Carrillo, A. (2003). Pasados hegemónicos, memorias colectivas e historias subalternas. In C. Walsh (Org.), *Estudios culturales latinoamericanos: Retos desde y sobre la región andina* (pp. 197–214). Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala.